



Uma feira agroecológica na universidade: proposta de circuito curto de comercialização e de amplo circuito de ensino, pesquisa e extensão
An Agroecological Fair at the University: proposal for a short marketing circuit and a broad teaching, research and extension circuit

PADRÃO, Susana¹; NERI, Bianca²; MARINHO, Jessica³; DAMIÃO, Jorginete⁴; MALDONADO, Luciana⁵;

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, susanampadrao@gmail.com, ²Universidade do Estado do Rio de Janeiro, biancaneri94@gmail.com, ³Universidade do Estado do Rio de Janeiro, jessicarmq23@gmail.com, ⁴Universidade do Estado do Rio de Janeiro, jjdamiao@yahoo.com.br, ⁵Universidade do Estado do Rio de Janeiro, luamaldonado71@gmail.com.

Relato de Experiência Técnica

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares Economia Solidária

Resumo: A experiência relatada refere-se a um projeto de uma feira agroecológica, instalada em uma universidade pública. A proposta foi elaborada em um cenário de ampliação das feiras agroecológicas e dos debates sobre sistemas alimentares sustentáveis e ambientes alimentares saudáveis, em contraposição aos desertos alimentares e ao sistema alimentar hegemônico, pautado no uso abusivo de agrotóxicos. Os objetivos são: apoiar e fortalecer os agricultores familiares urbanos e periurbanos de base agroecológica; tornar o ambiente alimentar mais saudável e contribuir para a troca de saberes. A feira agroecológica conta com uma organização em rede, coletiva e horizontal e a cooperação de entidades de apoio à agricultura familiar agroecológica e orgânica. Apesar dos êxitos, ainda são muitos os desafios a serem enfrentados, na perspectiva de promover a soberania e a segurança alimentar e nutricional, disseminar a ideia da agroecologia e fortalecer um sistema alimentar saudável e sustentável.

Palavras-Chave: agroecologia; sistema alimentar; soberania e segurança alimentar e nutricional; ambiente alimentar.

Contexto

A experiência relatada refere-se a um projeto de extensão de uma feira agroecológica, que acontece semanalmente, desde 2016, em uma universidade pública estadual, localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. O relato busca abordar e problematizar os principais desafios enfrentados para a organização em rede, coletiva e horizontal de uma feira agroecológica, como um circuito curto de comercialização, e refletir sobre formas de superá-los na perspectiva de ampliar e consolidar essas iniciativas, promovendo e disseminando a ideia da agroecologia, fortalecendo um sistema alimentar saudável e sustentável, em articulação a formação.



O projeto de instalação da feira na universidade foi pensado em um cenário de ampliação das feiras agroecológicas em instituições públicas e dos debates sobre sistemas alimentares sustentáveis e ambientes alimentares saudáveis, em contraposição aos desertos alimentares e ao sistema alimentar hegemônico e hiperespecializado, pautado na monocultura, no uso abusivo de agrotóxicos e no acesso facilitado a alimentos ultraprocessados. Os objetivos propostos para essa iniciativa são: apoiar os agricultores familiares urbanos e periurbanos de base agroecológica; fortalecer a agricultura agroecológica no estado; tornar o ambiente alimentar na instituição mais saudável e contribuir para a troca de saberes entre estudantes, professores, consumidores e agricultores. As trocas realizadas entre os sujeitos que participam dessa experiência, com a perspectiva de valorizar os saberes populares e o conhecimento de comunidades tradicionais e povos originários, merece destaque por ser avaliado como um desafio para uma atividade realizada em uma universidade, instituição que até bem pouco tempo resistia à apreensão e valorização desse conhecimento. Apesar de a experiência ser localizada em um dos campi da universidade, se considerou plausível atingir os propósitos previstos, e até ousados, pelo fato de ser um espaço onde circulam mais de 20.000 pessoas diariamente. Espera-se que a melhoria da renda dos agricultores seja uma das consequências proporcionadas pelas feiras agroecológicas, além do aumento na produção de alimentos saudáveis, contribuindo para a segurança alimentar e nutricional.

As feiras vêm se expandindo e se estabelecendo como canais importantes de comercialização de alimentos saudáveis. Segundo o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), existiam em 2019 mais de 840 feiras ou iniciativas, voltadas para a venda de produtos orgânicos no Brasil, número que, em 2023, já ultrapassa 890 feiras, conforme mapa das feiras orgânicas apresentado pelo instituto (IDEC, 2019; 2023). Esses espaços contribuem para que os alimentos agroecológicos e orgânicos possam estar mais próximos e acessíveis aos consumidores, não só em razão das localizações como em relação aos preços dos alimentos, in natura e beneficiados, que se tornam menores, comparados aos estabelecimentos varejistas, já que são oferecidos e comercializados sem intermediários (IDEC, 2012; INSTITUTO TERRA MATER; INSTITUTO KAIRÓS, 2015). Outras características interessantes das feiras de agricultores são: a possibilidade de construção de vínculos direto entre produtores e consumidores; a valorização de alimentos e produtos regionais e dos circuitos curtos de comercialização; a promoção de novos parâmetros de qualidade e de práticas de produção, além de distribuição e consumo no âmbito do sistema agroalimentar (SCHMITT e GRISA, 2013).

Considerando o contexto agroecológico da cidade, o último levantamento divulgado pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural Emater-Rio, em 2021, indica que a agricultura orgânica e agroecológica na cidade tem registrado um aumento em torno de 15% a 25 % ao ano, contando com cerca de 1.500 agricultores, cadastrados no município junto ao Ministério da Agricultura, que se dedicam ao comércio de alimentos (ENSP, 2021). Informação relevante, ainda, para o contexto agroecológico, indica que 42% dos plantadores orgânicos e agroecológicos se dedicam ao cultivo em quintais



produtivos e 11% referem-se ao cultivo de coletivos e movimentos urbanos, segundo dados do estudo de Caren Freitas de Lima, divulgados em 2019, quantidade avaliada como uma produção significativa, para ser escoada e comercializada nas feiras agroecológicas. Um outro aspecto econômico importante, levantado pelo mesmo estudo, aponta que apenas 20% dos agricultores conseguem renda superior a cinco salários-mínimos, com a comercialização de sua produção, indicando que a maioria planta para complementar a renda ou suprir a alimentação no cotidiano. Viver do plantio ainda é uma possibilidade a ser conquistada pelas famílias, perspectiva prevista nos objetivos dos projetos das feiras, que visam ao aumento do cultivo e da renda dos agricultores.

Outra forma dos agricultores agroecológicos escoar sua produção é por meio das compras públicas institucionais, realizadas por órgãos governamentais, via programas e políticas públicas, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Entretanto, uma das dificuldades encontradas pelos agricultores da cidade, segundo organizações que atuam na agroecologia, é a obtenção do Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF), um instrumento que substituiu a Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (DAP), na identificação e qualificação da Unidade Familiar de Produção Agrária (UFPA), do Empreendimento Familiar Rural (EFR) e nas formas associativas de organização da agricultura familiar, para fins de acesso a políticas públicas diferenciadas. O cadastro, realizado de forma voluntária e com os dados fornecidos pelo próprio beneficiário, é um documento indispensável para que a venda feita pelo agricultor seja viabilizada. São diversas as razões que justificam esses obstáculos, como falta de acesso à tecnologia, falta de documentação e de informação. Uma dificuldade que deve ser acolhida para que as possibilidades de comercialização de alimentos saudáveis sejam potencializadas, e que aumenta a importância das feiras para o escoamento da produção.

Descrição da Experiência

A proposta da feira institucional na universidade começou a ser amadurecida, a partir das discussões, entre professores, entidades de apoio à agroecologia e agricultores, durante o Encontro Nacional, realizado na universidade, em 2015. O Instituto de Nutrição da Universidade, anfitrião do encontro, acolheu a ideia e assumiu, então, o desafio de implementar uma feira na instituição, com o apoio de alguns setores da administração. Como desdobramento dessas discussões, a feira iniciou suas atividades em 2016, que continuam acontecendo até os dias de hoje.

A feira agroecológica conta desde o início com a cooperação de organizações e entidades de apoio à agricultura familiar agroecológica e orgânica, que indicam, avalizam e monitoram agricultores e feirantes para integrarem a feira, tais como: AS-PTA - Agricultura Familiar e Agroecologia, a Rede Carioca de Agricultura Urbana (REDE-CAU) e a Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (ABIO). Essas organizações promovem a assistência



técnica aos agricultores, no que se refere aos processos participativos de garantia da qualidade orgânica e agroecológica da produção e as formas de organização da economia solidária. Cabe à universidade, por meio das atividades planejadas e realizadas por professoras, bolsistas e estagiários do Instituto de Nutrição, a orientação ao que concerne às boas práticas de fabricação, rotulagem e legislação, além do acompanhamento e registro dos alimentos e produtos comercializados, a rastreabilidade dos alimentos, preenchimento dos romaneios e busca de novos agricultores e feirantes.

Com vistas à metodologia para organização da feira, coube aos participantes e idealizadores a elaboração de um regimento para definir as regras de funcionamento da feira, que foram discutidas e acordadas pelo grupo, buscando estabelecer uma relação horizontal e em rede na definição dos parâmetros de funcionamento, que são revisados periodicamente para se adequar à realidade que também vai se alterando (BADUE e GOMES, 2011). Dentre os acordos firmados, fica estabelecido que os feirantes arcam com o custo referente ao aluguel das barracas e a universidade oferece o espaço para a montagem da feira e o almoço que é produzido pelo restaurante universitário, sem custos para os feirantes. A feira foi constituída inicialmente por 12 a 15 feirantes agricultores e artesãos, sendo que a maior parte ainda participa de outras feiras realizadas no município. Os feirantes são advindos de diferentes bairros da cidade, como Vargem Grande, Maracanã, Penha e Jacarepaguá e municípios vizinhos, como Magé e Duque de Caxias.

A agricultura urbana na cidade do Rio de Janeiro, tem forte protagonismo feminino, situação que se estende às feiras agroecológicas, não sendo diferente na experiência aqui relatada, que desde sua implementação conta com quase a totalidade de barracas assumidas por agricultoras e feirantes mulheres, sendo a participação dos homens restrita ao papel de apoiadores das iniciativas. No estudo já referido, de Lima (2019) aponta que 70% dos agricultores da capital fluminense são mulheres, dado que justifica o perfil das feirantes. Esse protagonismo na agroecologia acaba tendo reflexos na Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), como o aumento no acesso à alimentação em quantidade e qualidade adequadas das famílias (CAMINHAS, 2022).

No que tange ainda à metodologia, para identificar problemas, dificuldades e formas para superação, bem como os avanços obtidos, são realizadas reuniões bimestrais entre feirantes e as instituições que participam da coordenação da feira, e mensais com feirantes, professoras e bolsistas. As pautas incluem: estratégias de divulgação da feira, infraestrutura, preenchimento dos romaneios, rastreabilidade, boas práticas de fabricação, alimento saudável e agroecologia, entre tantos outros temas. Os alimentos in natura e beneficiados são registrados antes da comercialização, em formulário próprio, e, quando necessário, rastreados para identificação da origem, tendo seus preços acompanhados. Todos os feirantes preenchem semanalmente o romaneio, cujas informações são sistematizadas, avaliadas, indicando: total de venda (em reais) semanal e mensal, alimento in natura e beneficiados mais vendido, venda total mensal de cada alimento e produto, e demais informações necessárias para adequar melhor a quantidade transportada e oferecida para



potencializar as vendas e conseqüentemente a renda dos agricultores. A informação sobre a quantidade de alimentos comercializados e de consumidores que frequentam a feira é, também, importante para avaliar os benefícios para o ambiente alimentar, considerando a oferta de alimentos saudáveis na feira.

E por fim, com a expectativa de contribuir para a troca de saberes entre estudantes, professores, consumidores e agricultores, são planejadas e realizadas rodas de conversas e atividades culturais com temas associados à comida e aos alimentos, de preferência aqueles oferecidos na feira, ou a datas culturais e comemorativas do calendário da cidade e da agricultura. As atividades são realizadas na barraca Tenda do Saber, onde se reúnem estudantes, professores, agricultores, consumidores e convidados para debater os temas escolhidos e trocar informações e conhecimento. Além das ações extensionistas, a FAU se constituiu espaço de ensino, promovendo experiências que concretizam os conceitos de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). Neste sentido, são desenvolvidas atividades do Estágio Supervisionado e Internato em Ciências de Alimentos e do Estágio de Nutrição em Saúde Coletiva.

A feira agroecológica, como todas as atividades laborais, culturais, de estudos e lazer na cidade, acabou sendo atingida pela pandemia da Covid 19 tendo suas atividades presenciais suspensas por dois anos, com o retorno ocorrendo em 2022. Como consequência, alguns frequentadores, professores, estudantes, agricultores e artesãos se afastaram, reduzindo a feira a cinco barracas e o número de professoras e estudantes que atuavam na coordenação e planejamento das atividades, em especial da Tenda do Saber. O trabalho de recuperação vem sendo realizado, desde 2022, com a busca de novos e antigos agricultores e feirantes e com a intensificação dos mecanismos de divulgação da feira e dos alimentos oferecidos, em especial, por meio das redes sociais da própria feira, da universidade e das entidades de trabalhadores. Aos poucos a feira vem ampliando suas barracas e seus consumidores, já contando atualmente com um total de 10 a 11 feirantes. Uma nova modalidade de comercialização, as vendas on-line, está sendo avaliada e discutida com os feirantes, como forma de potencializar as vendas, experiência vivida de forma restrita durante a pandemia. A expectativa é continuar expandindo a quantidade de barracas e de alimentos in natura, beneficiados e do artesanato agroecológico, para que os objetivos propostos pelo projeto possam ser atingidos.

Resultados

A feira agroecológica em seus três primeiros anos de funcionamento, de 2016 a 2019, passou por um processo de aprendizado e avaliação, tanto por parte de feirantes como de professoras e estudantes, o que possibilitou a melhoria de seus procedimentos e o aprimoramento das metodologias. Entre as melhorias implementadas que geraram resultados positivos como a fidelização de consumidores e aumento das vendas, estão: a estética das barracas, que foram padronizadas e visualmente tratadas; os preços dos alimentos que



passaram a ser acompanhados e ajustados; a distribuição dos alimentos ofertados entre os feirantes, o que aumentou a diversidade de produtos e a valorização de alimentos para consumo imediato, que funciona como um grande atrativo na feira. Avalia-se que esse aprimoramento facilitou a consolidação do espaço da feira, com o apoio aos agricultores agroecológicos, e as trocas de saberes que aconteceram na tenda do saber. Entretanto, alguns problemas persistentes ainda precisam ser avaliados e superados.

A etapa após o período mais agudo da pandemia da Covid 19, quando uma parte considerável dos avanços conquistados foi perdida, novos desafios se apresentam, em especial a recuperação do nível de atividades da feira, em relação à oferta e venda de alimentos e aos frequentadores e consumidores. Para isso uma busca ativa de novos e antigos feirantes vem sendo realizada e um planejamento mais arrojado das atividades da tenda do saber, envolvendo estagiários e estudantes, iniciativas que pretendem atrair um número maior de frequentadores, complementadas com uma proposta de divulgação da feira e dos feirantes por meio das redes sociais. Esse processo, apesar de lento, já aponta alguns resultados, com o aumento das barracas de 5 para 11, maior oferta de produtos, de alimentos vendidos e de seguidores nas redes sociais, atingimos mais de 1.100 seguidores, com um aumento de 300 seguidores em 2023, resultados que conseqüentemente aumentam a renda dos agricultores, fortalecem a agricultura na cidade e têm rebatimentos no ambiente alimentar da universidade à medida que amplia a oferta de alimentos saudáveis.

Entretanto, apesar dos avanços, alguns problemas identificados ainda nos primeiros anos de atividade, e que permanecem nessa segunda etapa, pós pandemia, se apresentam como um grande desafio a ser superado, para que a feira funcione com todo seu potencial. Elencamos abaixo, algumas questões que merecem atenção:

- custo do transporte das agricultoras, mesmo constituindo um circuito curto de comercialização, considerando o alto preço dos combustíveis e a distâncias entre os locais de cultivo e produção e as regiões centrais da cidade;
- valor do aluguel das barracas, por ser um valor fixo, dependendo do volume de vendas do dia, pode ter um impacto maior nos gastos para participação na feira;
- falta de cooperação entre as feirantes, na tomada de decisões que afetam de forma desigual cada uma. Nem sempre o coletivo é priorizado nos encaminhamentos, importante salientar que o valor total das vendas mensais pode ser 5 vezes maior de uma feirante para outra, uma diferença significativa mesmo considerando o custo de cada um;
- dificuldade de realizar, quando necessário, a rastreabilidade dos alimentos comercializados por falta de documentação que indique a procedência dos produtos, quando não é cultivado, ou produzido, pela própria feirante, uma vez que a maior parte das agricultoras não possui certificação de orgânico;
- falta de identificação, como etiquetas ou rótulos, nos alimentos beneficiados, para orientação ao consumidor sobre composição do produto e data de fabricação;
- períodos de recesso na universidade, quando a feira é interrompida, que pode chegar a três meses ao ano, gerando um resultado negativo para a feirante;



- baixa adesão e apoio de professores e estudantes da universidade, considerando a frequência na feira, observando que a feira e seus propósitos afetam a todos, como a oferta de alimentos saudáveis e o fortalecimento de um sistema alimentar sustentável;

- limitada inserção institucional, pois apesar do espaço e da alimentação fornecida, ainda faz restrições ao atendimento de demandas da feira agroecológica, que é tratada como um projeto do Instituto de Nutrição e não da instituição, embora os benefícios sejam previstos para toda a sociedade.

Essas são algumas das dificuldades enfrentadas para a ampliação e consolidação da feira agroecológica na universidade, que são problemas comuns a maior parte das feiras, segundo alguns estudos realizados (SILVA, 2016, LEITE; TELES, 2019). A partir dessa identificação, torna-se importante formular caminhos para que os problemas sejam superados ou minimizados, e a feira se consolide como uma experiência exitosa.

Avalia-se que essas questões poderão ser enfrentadas com o acompanhamento e a orientação às feirantes, por parte das organizações parceira, para diminuir dúvidas, apoiar tecnicamente o processo de cultivo e beneficiamento dos alimentos, bem como de professores e estudantes ao que concerne às boas práticas de fabricação, rotulagem e etiquetas. O aperfeiçoamento do processo de rastreamento dos alimentos, também deve ser realizado a fim de garantir a procedência dos alimentos comercializados. Oficinas de precificação e práticas educativas tendo como base a agroecologia e a economia solidária, podem contribuir para estabelecer relações mais solidárias entre agricultoras e os consumidores, fundamentada na confiança, cooperação, preservação ambiental, consumo responsável, soberania e segurança alimentar e nutricional e nos direitos humanos. Preceitos que sustentam a agroecologia.

Em relação à universidade, ampliar o diálogo sobre os propósitos e benefícios de uma feira agroecológica, com a perspectiva de buscar maior apoio, é uma tarefa urgente que cabe a todos que entendem que a garantia da soberania e segurança alimentar e nutricional e de um sistema alimentar saudável, justo e sustentável é imprescindível para a preservação do planeta e de seus habitantes, e não pode mais esperar.

Referências bibliográficas

BADUE, A. F. B; GOMES, F. F. F. **Parceria entre Consumidores e Produtores na Organização de Feiras**. Instituto Kairós, São Paulo, 2011. 44 f. ISBN: 978-85-99517-02-4

CAMINHAS, A. M. T. **As Feiras Agroecológicas, a Segurança Alimentar e o Protagonismo Feminino nos Quintais Produtivos da Agricultura Familiar: A Contribuição para a Prática da Agenda 2030**. Brazilian Journal of Development, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 4184–4200, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n1-276.

ENSP - ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SERGIO AROUCA. **Agricultura urbana está em expansão no Rio de Janeiro e tem protagonismo de mulheres**. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/secoes/noticia/45013/51146>. Acesso em: jul, 2023.



IDEC – INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR. **Mapa de feiras orgânicas**. Feiras orgânicas. 2019. Disponível em: <<https://feirasorganicas.org.br/>>. Acesso em: abril, 2023.

IDEC – INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR. **Mapa de feiras orgânicas**. Feiras orgânicas. 2023. Disponível em: <https://feirasorganicas.org.br/estatisticas/>. Acesso em: jul, 2023.

IDEC – INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR. **Quer pagar quanto?** Revista do Idec, São Paulo, n. 142, p. 16-20, abr. 2010.

IDEC – INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR. **Rota dos orgânicos**. Revista do Idec, São Paulo, n. 162, fev. 2012.

INSTITUTO TERRA MATER; INSTITUTO KAIRÓS. **Produtos sem veneno são sempre mais caros?** Piracicaba, São Paulo, ago. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2IBP94a>>. Acesso em: abril, 2023.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Boletim Políticas Sociais: acompanhamento e análise**. Desenvolvimento Rural. Brasília: Ipea, n. 25, 2018.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Boletim Políticas Sociais: acompanhamento e análise**. Desenvolvimento Rural. Brasília: Ipea, n. 26, 2019.

LEITE, D. C.; TELES, E. C. P. V. A. **Comercialização de produtos agroecológicos a partir de circuitos curtos: a experiência das feiras agroecológicas de Recife, Pernambuco**. Revista de Extensão da UNIVASF, Petrolina, v. 7, n. 2, p. 026-044, 2019.

SCHMITT, C. J.; GRISA, C. **Agroecologia, mercados e políticas públicas: uma análise a partir dos instrumentos de ação governamental**. In: NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L.; VEZZANI, F. M. (Orgs.). Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013.

SILVA, V. M. S. **As feiras de base agroecológica em Recife, Pernambuco: trocas de saberes, sabores e ideias sustentáveis**. Recife, 104f, 2016.